

PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Linguagem e materialidade: reinterpretação e metáfora no projeto de arquitetura

Language and materiality: reinterpretation and metaphor in architecture design

*Lenguaje y materialidad: reinterpretación y metáfora en el proyecto de
arquitectura*

LOBOSCO, Tales

Doutor, UFMT, tales@lobosco.com.br

PALMA, Alexandre

Arquiteto, UFMT, alexandresaulpalma@gmail.com

RESUMO

O processo projetual, como atividade resistente a normatizações e estruturas metodológicas mais rígidas, oscila, muitas vezes, entre um funcionalismo pragmático e especulações formais desprovidas de enraizamento cultural e histórico. A completa carência de critérios de atuação, e a dificuldade em equilibrar o processo técnico e científico com a interpretação e expressão da experiência e repertório do arquiteto, leva as escolas a buscarem uma conceituação da arquitetura que não se estrutura enquanto proposta arquitetônica e se confunde com um formalismo vago que concentra em si, todo o procedimento projetual. A proposta didática apresentada no artigo é uma experiência em que a “reinterpretação” e a “transposição” se mostram como possibilidades projetuais que, em muitas situações, são capazes de estruturar o conceito (ou fio condutor) através de uma referência ou analogia, permitindo conectar diferentes aspectos da mesma questão (FLORIO e TAGLIARI, 2009) através de diferentes linguagens e interpretações do imaginário histórico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: conceito; linguagem; forma; projeto

ABSTRACT

The design process is quite resistant to any process of methodological structuring and normalization, thus it often fluctuates between a pragmatic functionalism and mere formal speculation without cultural and historical roots. The complete absence of criteria, and the difficulty in balancing the scientific and technical process with the interpretation and expression of the architect's experience, leads schools to seek an architectural conceptualization incapable to produce a structured architectural proposal, instead, it leads toward an empty formalism that absorbs every projetual procedure. The didactic proposal presented in the article is an experience where "reinterpretation" and "transposition" appear as projective possibilities that, in many situations, are able to structure the design concept through a reference or analogy. This can allow us to connect different aspects of the same issue (FLORIO and Tagliari, 2009) through different languages and interpretations of historical and cultural imaginary.

KEYWORDS: concept, language, form, shape, design.

RESUMEN

El proceso de proyecto es una actividad bastante resistente a una estructuración metodológica más rígida, y de eso, frecuentemente fluctúa entre un funcionalismo pragmático y la especulación formal sin raíces culturales e históricas. Por una completa falta de criterios para actuación y por la dificultad en equilibrar el proceso científico y técnico con la interpretación y la expresión de la experiencia del arquitecto, las escuelas desarrollan un conceptualismo arquitectónico que no promueve una propuesta arquitectónica estructurada y se mezcla con un



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

formalismo vacío que absorbe todo procedimiento proyectual. La propuesta didáctica que se presenta en el artículo es una experiencia en que la "reinterpretación" y la "transposición" aparecen como posibilidades proyectivas que, en muchos casos, son capaces de estructurar el concepto, condiciendo la actividad de proyecto a través de una referencia o analogía que permite conectar diferentes aspectos del mismo tema (FLORIO y Tagliari, 2009) a través de diferentes lenguajes e interpretaciones del imaginario histórico y cultural.

PALABRAS-CLAVE: *concepto, lenguaje, forma, proyecto.*

1 INTRODUÇÃO

O processo de projeção em arquitetura se organiza como uma atividade bastante resistente à sua estruturação através de metodologias e regras de composição. O próprio, e evasivo, conceito de "caixa preta", com toda sua imprecisão técnica e limitação heurística, serve para ilustrar a complexidade do momento crítico e imponderável "que envolve as decisões relativas ao que conhecemos por partido arquitetônico" (BISELLI, 2011 p. 2).

Da ideologia modernista herdamos a noção de partido que se divide, ou se confunde, em duas acepções: uma que acredita que o partido seja uma resposta coerente, lógica e inevitável aos requisitos operacionais impostos pelo programa, de acordo com os recursos técnicos disponíveis, e a outra que espera que o partido emane espontaneamente do gênio criativo do arquiteto.

Esta compreensão nos leva a acreditar na arquitetura como uma mera resposta funcional e eficiente às demandas postas localmente, e, eventualmente determinadas por uma genialidade ou inspiração sobre a qual se possui pouco ou nenhum controle.

O atendimento a requisitos funcionais ou a recursos tecnológicos disponíveis são inerentes a qualquer premissa de projeto arquitetônico; entretanto, limitar a arquitetura a esta resposta mecanicista é esquecer que todo programa não define apenas exigências operacionais, mas também requerimentos expressivos e simbólicos (COMAS, 1986). Não existe arquitetura que não transmita, além das suas relações de estabilidade e funcionalidade, um significado simbólico. Ignorá-lo ou não o buscar intencionalmente apenas fará com que ele se manifeste sem controle ou previsibilidade.

A afirmação de que o partido é a ideia preliminar do edifício a ser construído, ou uma prefiguração do objeto, que o projetista elege como ponto de partida e fio condutor, não abrange a totalidade dos modos de projetar, portanto, não é universal (BISELLI, 2011 p. 2). O próprio "fio condutor", capaz de estruturar o projeto, emerge apenas durante e através do fazer, e sua capacidade de estabelecer vínculos conceituais dependerá de uma compreensão e interpretação do imaginário histórico e cultural da população.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Este processo de projeção arquitetônica não se estrutura através de uma linguagem única, mas pode envolver simultaneamente diversos meios de expressão e de representação de uma ideia: croquis, maquetes volumétricas, fotografias, textos, discursos, etc. De certo modo, isto se dá pela insuficiência heurística, representativa e expressiva de cada método, quando vistos individualmente. E será exatamente na confluência destes diversos meios, com suas diversas linguagens, que tentaremos atingir a complexidade que a concepção projetual necessita.

2 METÁFORA E REINTERPRETAÇÃO

Entender que o partido não é determinado simplesmente por uma resposta inequívoca e rígida a questões programáticas e tecnológicas não significa acatar a noção de partido oriunda de um formalismo expressivo que encontra significado apenas na inspiração criativa do arquiteto (COMAS, 1986). Afinal, como diria Piñón (1998), a arquitetura emerge exatamente quando o sentido da forma se incorpora à funcionalidade, produzindo uma unidade formal, onde desempenho técnico e simbólico se complementam.

Deste modo, entendendo a função simbólica como parte das atribuições da arquitetura (STROETER, 1986), a “reinterpretação” ou a “transposição” se tornam características intrínsecas ao processo de projeto. Entretanto, ainda que identificamos estes diversos meios como linguagens distintas e específicas, evitamos o termo “tradução” pois ainda que as transposições entre linguagens podem inicialmente sugerir essa ideia, as tentativas empreendidas no sentido de estudar a arquitetura [...] a partir das estruturas da língua de forma automática – como tradução literal - apenas exacerbaram as diferenças estruturais entre estas linguagens, diferenças que implicam, para a arquitetura, num grau superior de liberdade no nível da expressão, dada a ausência de vínculos com as regras e convenções a que está sujeita a linguagem fala/texto (BISELLI, 2011 p.10).

Por outro lado, temos na metáfora a transferência de um sentido semântico que se fundamenta numa relação de semelhança estrutural ou conceitual entre o sentido próprio e o figurado. Nesse sentido, as metáforas colaboram para explicitar e sintetizar conceitos de modo a facilitar a comunicação da ideia-chave principal do projeto. Seja como for, a análise das metáforas é fundamental para relatar a dificuldade de comunicação e entendimento através dos domínios do discurso, seja ele escrito, gráfico ou verbal (FLORIO e TAGLIARI, 2009 p.93).

A reinterpretação permite, em muitas situações, estruturar o conceito (ou fio condutor) através de uma metáfora ou de uma analogia, permitindo conectar diferentes aspectos da mesma questão

(FLORIO e TAGLIARI, 2009) através de diferentes linguagens e interpretações do imaginário histórico e cultural. Entretanto, enquanto linguagem codificada, o conceito precisa, para se manifestar plenamente, ser estruturado através de um conhecimento partilhado e amplo, ou seja, deve ser capaz de “despertar” um conhecimento partilhado: “a intuição denota a habilidade de julgar estímulos baseados em informações e conhecimentos que são ativados na memória” (BOLTE e GOSCHKE Apud FLORIO e TAGLIARI, 2009).

Por outro lado, as críticas a respeito da absorção do conceito nas etapas de projeto, afirmam que a adoção de um conceito se daria por sua capacidade de estimular à geração formal, mas às custas de uma aleatoriedade de ideias desvinculadas dos aspectos específicos de um problema de projeto, e, conseqüentemente determinariam um desenvolvimento projetual que se distanciaria das relações essenciais técnicas e funcionais levantadas pelo problema de projeto e se voltaria unicamente à elaboração formal do conceito inicial (MAHFUZ, 2013).

Essa afirmação parece se referir a um entendimento do conceito associado apenas ao aspecto expressivo e simbólico da arquitetura. Entretanto, o conceito expressa não apenas uma definição formal, mas também um modo de se desenvolver e responder aos problemas de projeto. Ele deve se manter, inserido cultural e socialmente no lugar, respondendo, através de uma síntese formal, às intenções formais e demandas simbólicas postas pelo programa e esperadas pelo lugar.

Entretanto, para não sucumbir a um formalismo pragmático, nem a especulações formais desprovidas de enraizamento cultural e histórico, o processo de projeção deve saber equilibrar o processo técnico e científico com a interpretação e expressão da experiência e repertório do arquiteto (MAHFUZ, 1995). Piñón (2007) já ressaltava a parcela de culpa das escolas de arquitetura que estruturam o conhecimento através da separação excessiva entre saberes e técnicas, em disciplinas estanques e autônomas, que precisam trabalhar juntos para gestarem as atividades projetuais. Além de difundirem uma conceituação desconexa da arquitetura, simplesmente devido a uma essencial carência de critérios formais para atuar. Deste modo, colocam todo o critério e juízo, a respeito da qualidade projetual, sobre o conceito, a despeito da “visualidade”, algo que Piñón (2007) defende ser o caminho privilegiado para reconhecer as qualidades que definem a identidade de uma obra, ou seja, de sua qualidade artística.

É exatamente neste momento que o conceito adquire um sentido de “identidade formal”, que é a condição da estrutura constitutiva própria de cada obra, sua ordem específica. Esta identidade formal, ao contrário da singularidade que apenas diferencia um objeto dos demais, é o que

determina a essência arquitetônica de uma obra (MAHFUZ, 2013).

Esta identidade formal se aproxima bastante dos conceitos de forma conceitual (*Form*) e design (*Shape*) de Kahn (1979), onde a primeira não apresenta configuração, dimensão ou mesmo presença física. Sua existência é mental e conceitual, é a ideia aristotélica da forma como ideia central presente tanto na criação quanto na apreciação da arte. “O todo conceitual é uma aproximação; ele deixa de fora muitos aspectos de um problema arquitetônico em benefício da clareza da ideia” (MAHFUZ, 2013 p.20).

A forma conceitual (*Form*) surge como o devir do projeto, aquilo que ele “quer ser”. Ela compreende a harmonia dos sistemas, um senso de ordem e aquilo que distingue uma existência de outra. E é função do design (*Shape*) se ajustar às circunstâncias, e, no processo, o design final não corresponderá mais ao primeiro design, mas a forma permanece (KAHN, 2010).

Apesar da existência de trabalho teóricos essenciais para a compreensão do tema, pouco se desenvolveu a respeito da tradução destes conceitos para abordagens práticas e efetivas. E este é exatamente nosso esforço: a articulação de exercícios práticos que permitam experimentar estas diferentes abordagens e a leitura e análise dos indícios de percursos e processos metodológicos que podemos identificar através das experiências produzidas em sala, tais como, esboços, discursos, desenhos, modelos e maquetes. São registros extremamente importantes para auxiliar na recuperação e interpretação do processo de criação em arquitetura (FLORIO e TAGLIARI, 2009).

3 EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

As indagações e questionamentos que articulamos aqui, assim como o questionamento de como estes assuntos podem influenciar o processo de projeção em arquitetura, e, principalmente, de como abordar estes questionamentos de forma estruturada no ensino de projeto e na prática diária dos em ateliês, nos levaram a desenvolver experiências específicas com as turmas de Projeto de Arquitetura II do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMT. Foram preparados trabalhos que permitissem aos alunos experimentar propostas de reinterpretações e metáforas na projeção arquitetônica que se pautassem exatamente pela multiplicidade de linguagens, expressões e discursos.

A estrutura da disciplina leva em conta principalmente um contexto em que a maior parte dos alunos possui um repertório cultural, artístico e arquitetônico bastante inexpressivo, ou quase inexistente, e que explica a conseqüente dificuldade de se construir metáforas sofisticadas no processo de criação.

Deixa-se claro que o percurso colocado na disciplina é construído como uma proposta didática, e tem caráter de exercício especulativo, não constituindo um método pronto ou fórmula precisa que seja adequada a qualquer ocasião de trabalho.

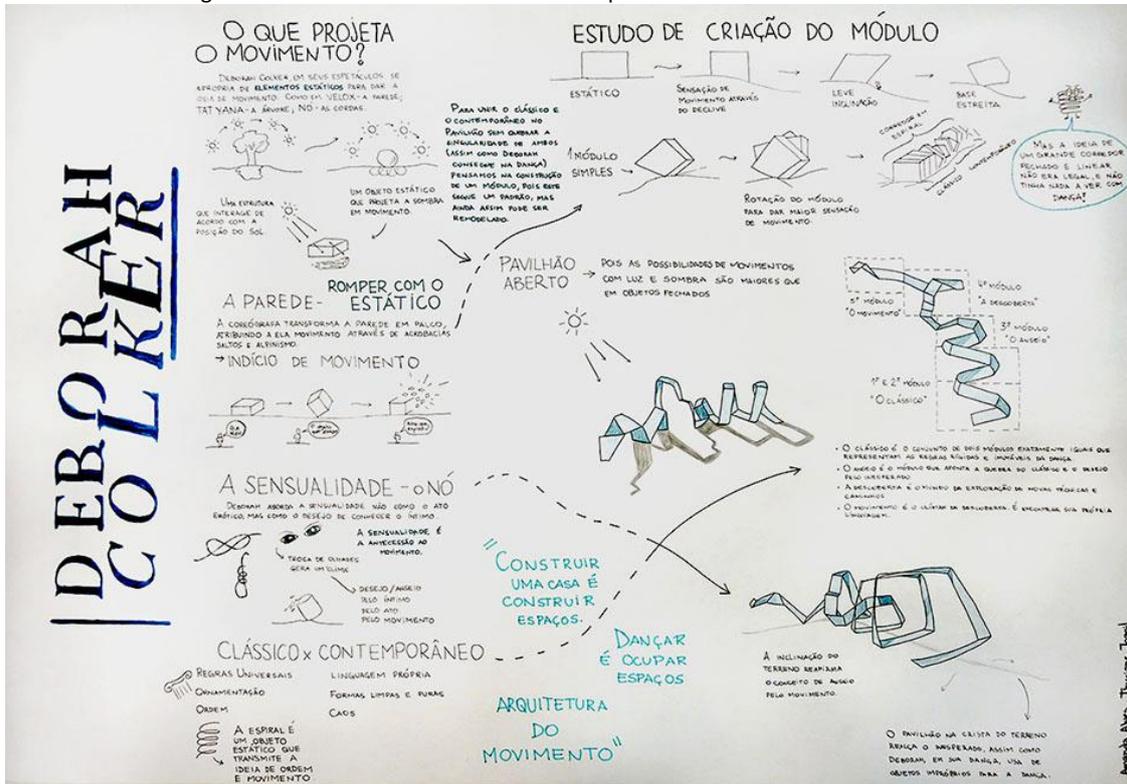
Os alunos possuem uma forte tendência de entender o processo de projeção como uma atividade objetiva e linear, passível de ser reproduzida através de receitas passo-a-passo, e onde as primeiras ideias lançadas permanecerão intactas no resultado final do projeto. Com esta preocupação em mente, incentiva-se o registro de todas as investigações, em suas múltiplas naturezas, para que a coleção final dos pensamentos possa ilustrar a complexidade e não-linearidade do processo de criação, e a consequente necessidade de extenso volume de produção para se obter um resultado satisfatório.

A proposta da disciplina consiste em três exercícios temáticos, que buscam não somente incitar a investigação exaustiva das soluções para um projeto, mas principalmente a se pensar em diferentes estratégias para se aproximar dessa investigação. O papel da estratégia projetual vai além de trazer mais eficácia na resolução dos problemas encontrados; ela também é elemento que empresta significado ao conceito do projeto e, portanto, a coerência e relevância de sua estrutura são importantes na expressão das ideias escolhidas.

Os exercícios articulam a reinterpretação das características de artistas significativos da cultura brasileira, que devem ser inicialmente desconstruídos, através da leitura das características de suas obras e do imaginário popular consolidado sobre as personalidades, e reconfigurados em linguagem gráfica/visual formando grandes painéis que buscam sintetizar esta percepção inicial.

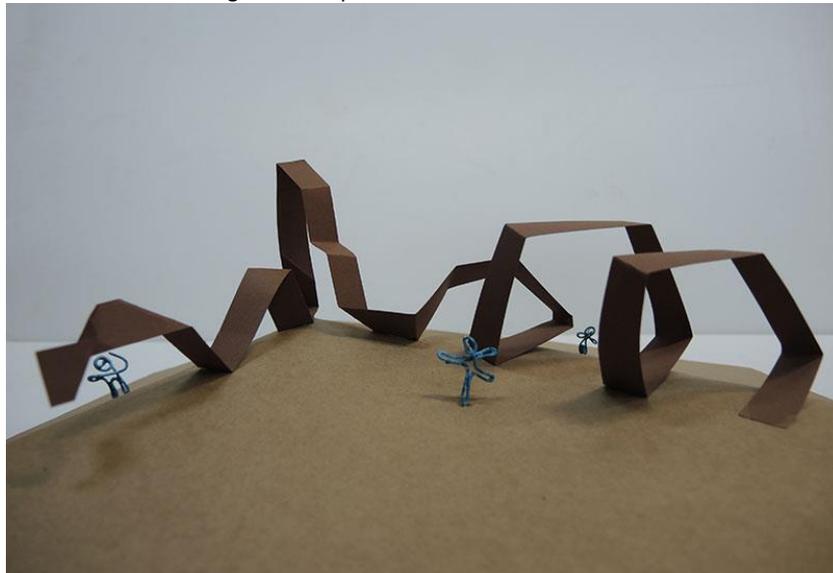
O primeiro exercício consiste em uma investigação conceitual livre, cujo objetivo é compor um pequeno pavilhão que represente o artista, num direcionamento que dá foco a uma ideia de *Form* de Khan (1979), já expressa anteriormente no texto. Não são determinados o local de implantação, dimensões do terreno, área, programa, etc.; nesse estudo, todos os condicionantes são regidos pelas definições conceituais que evidenciem as ideias levantadas pelo aluno, em sua leitura do artista, como ilustram as figuras 1 a 5.

Figura 1: Análise de Referenciais – Painel explicativo do Pavilhão Débora Colker



Fonte: Material desenvolvido em aula.

Figura 2: Maquete – Pavilhão Débora Colker



Fonte: Material desenvolvido em aula.

Figuras 3 e 4: Maquete – Pavilhões Ziraldo e Zé Celso



Fonte: Material desenvolvido em aula.

O segundo exercício se trata de uma investigação sobre os condicionantes físico-funcionais do projeto tais como fluxos, distribuição dos ambientes, configuração das áreas livres, ventilação, iluminação, afastamentos obrigatórios, etc., já com base no terreno definido pelos professores, onde será situado o projeto final. Os múltiplos estudos desenvolvidos nesta etapa, por meio de desenhos, cortes e maquetes (Figura 6), dão suporte às decisões deste projeto final, evidenciando limitações e potenciais do terreno em relação a estes condicionantes, e explorando com mais intensidade a noção de design (*Shape*), de Khan (1979).

Figura 5: Maquetes – Pavilhão Machado de Assis



Fonte: Material desenvolvido em aula.

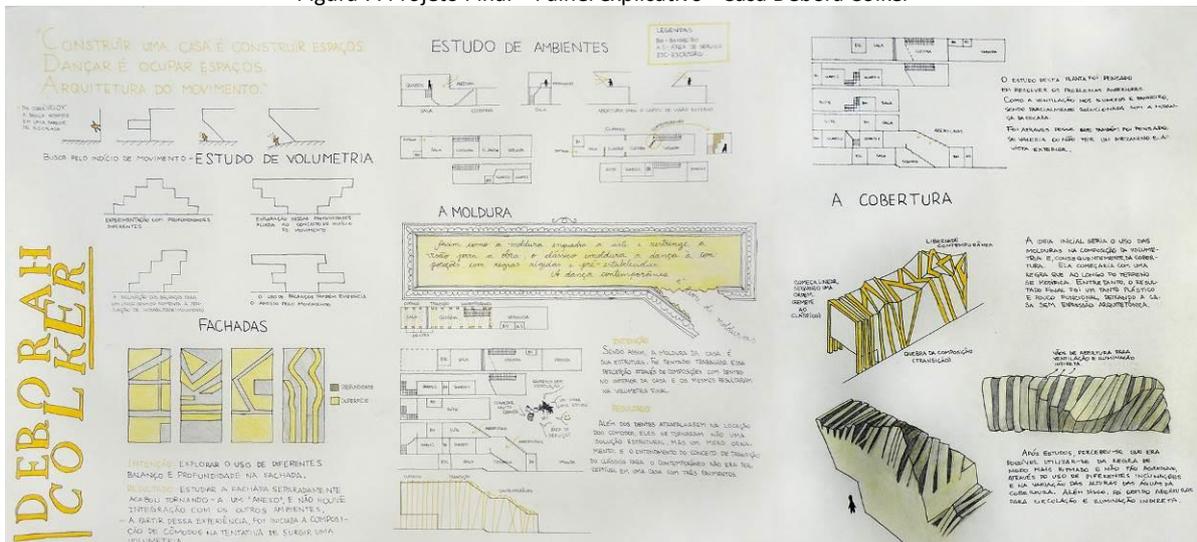
Figura 6: Maquetes volumétricas dos diversos estudos de exploração das condicionantes físico-funcionais



Fonte: Material desenvolvido em aula.

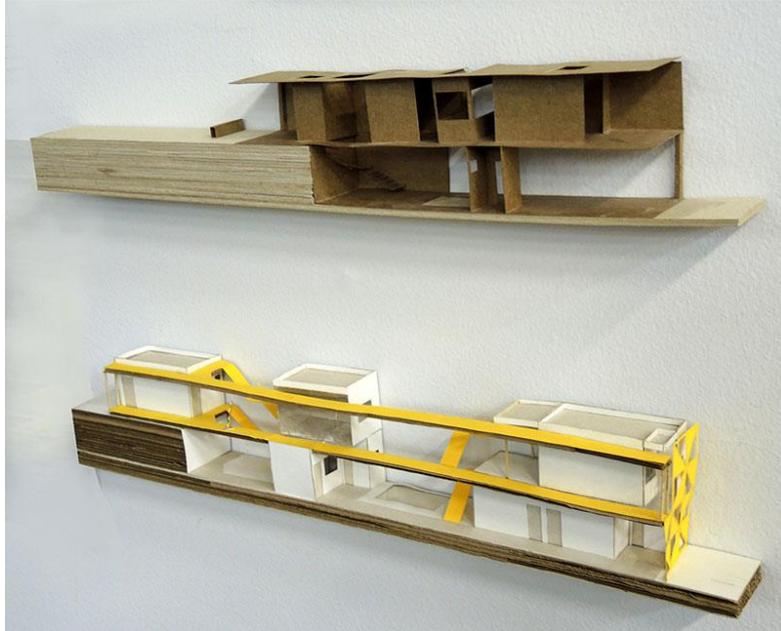
O último exercício é o Projeto Final do semestre, que exige a síntese dos estudos anteriores, propondo o objetivo de se alcançar uma solução arquitetônica para uma residência, em caráter de Estudo Preliminar, que responda eficazmente aos condicionantes estipulados e também faça referência, de maneira expressiva e legível, aos elementos conceituais que representem o artista definido no início do semestre. O projeto deve trabalhar sucessivamente as questões conceituais e simbólicas, a funcionalidade técnica e objetiva e a complexa tarefa de associar estas questões de forma estruturada, sendo capaz de fazer com que estas características se desenvolvam de maneira integrada e harmônica, de forma que, ao final, o conceito seja perceptível na síntese formal que atenda satisfatoriamente às condicionantes técnicas. As figuras 7 a 9 ilustram alguns dos trabalhos realizados pelos alunos.

Figura 7: Projeto Final – Painel explicativo - Casa Débora Colker



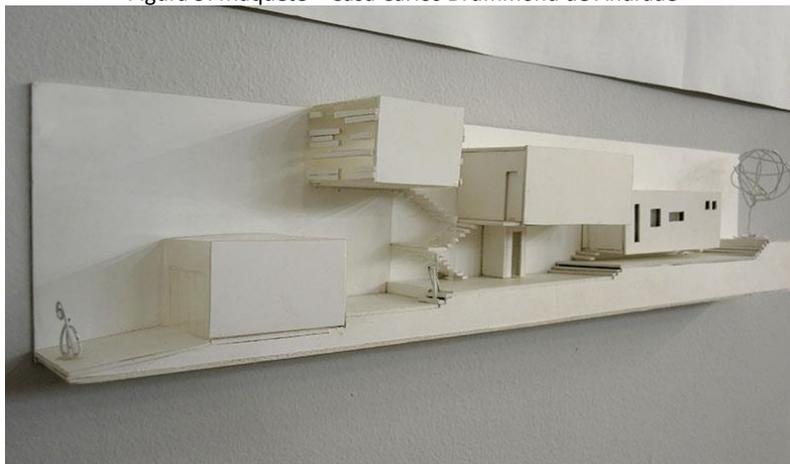
Fonte: Material desenvolvido em aula.

Figura 8: Maquetes– Casa Haroldo de Campos e Casa Naná Vasconcelos



Fonte: Material desenvolvido em aula.

Figura 9: Maquete – Casa Carlos Drummond de Andrade



Fonte: Material desenvolvido em aula.

Apesar do recorte intencional da realidade, que é ocasionado pela escolha temática que envolve vida e obra de um artista, o universo restrito permite reproduzir apenas as características que pretendemos salientar e exercitar, eliminando ruídos advindos de uma leitura complexa da historicidade de espaços urbanos ou de identificação cultural inserida no imaginário coletivo de uma população, o que entendemos que desviaria o foco do exercício para a compreensão e leitura dos referenciais existentes.

É entendido, entretanto, que o conceito não deve ser a expressão de uma reflexão pessoal e desenraizada e fruto unicamente da inspiração do arquiteto. Sua importância no processo projetual reside exatamente no fato de ser ancorado na realidade sociocultural, levantado através de uma leitura prévia do lugar, de demandas ou percursos históricos que representem algum significado em dada situação.

Ao avaliar os trabalhos ao final do semestre, e também ao acompanhar a produção dos alunos nos semestres posteriores, é possível constatar que proposta apresenta resultados satisfatórios, pois estabelece um nível de complexidade acessível para a maior parte dos alunos, mesmo dentro de um contexto desfavorável, em termos de repertório, como já exposto; entretanto, também não limita o potencial dos alunos com melhores referências e habilidades, dando abertura ao aprofundamento que esses desejarem trazer. Ainda que os resultados algumas vezes evidenciem uma falta de sofisticação na construção de um discurso conceitual, o processo tem cultivado uma intensa inquietação que, ao longo do curso, tem demonstrado bons frutos.

4 AGRADECIMENTOS

Agradecemos a participação e o empenho dos alunos da disciplina de Projeto de Arquitetura II, tanto pelo desenvolvimento das atividades propostas, como por apoiarem as experiências didáticas adotadas no curso, quanto por disponibilizarem seus trabalhos para comporem este artigo: Amanda Alves Homem, Cristina Marafon, Igor Molodon Souza, Larissa Cunha Correa da Costa, Leandro Almeida da Silva, Lucianna Oliveira e Souza, Monique Caroline Mendes Duarte, Priscila Wolff Sampaio, Rubens Leandro Florencio, Taiza Silva Belin, Thais Canavarros França, Talitha Vaes Teixeira e Thyciane Joanil Leite.

5 REFERÊNCIAS

- BISELLI, M. Teoria e prática do partido arquitetônico. *Arquitextos*, São Paulo, 12.134, Vitruvius, jul 2011.
- BRANDÃO, C. Linguagem e arquitetura: o problema do conceito. *Revista de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo*. Belo Horizonte: UFMG. vol.1, n.1, novembro de 2000.
- COMAS.C. Ideologia modernista e ensino de projeto arquitetônico: duas proposições em conflito. São Paulo: Projeto Editores, 1986.
- FLORIO, W.; TAGLIARI, A. Projeto, criatividade e metáfora. *Arquiteturarevista*. Vol. 5, nº 2, julho/dezembro de 2009. p. 92-110.
- KAHN, L. In. LOBELL, J. *Between Silence and Light*. Boulder: Shamballa, 1979.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

KAHN, L. Forma e Design. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAHFUZ, E. Ensaio Sobre a Razão Compositiva. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

MAHFUZ, E. Arquitetura para uso Diário. Anais do 6o Projetar, Salvador novembro de 2013.

PIÑÓN, H. Curso básico de proyectos. Barcelona: Edicions UPC, 1998.

PIÑÓN, H. Reflexión sobre la docencia de la arquitectura. Arquitectos, São Paulo, 08.089, Vitruvius, oct. 2007.

STROETER, J. Arquitetura e teorias. São Paulo: Nobel, 1986.